



O DISCURSO DA MULHER ATLETA DE *BODY BUILDING* SOBRE O SEU CORPO¹

Daniela Fantoni de Lima Alexandrino²
Marcela Rodrigues de Castro³
Cíntia Lúcia de Lima⁴
Vanessa Nolasco Ferreira⁵
Renata Silva de Carvalho⁶
Maria Elisa Caputo Ferreira⁷

RESUMO

A concepção de corpo feminino no século XXI reproduz a lógica capitalista construída pela civilização ocidental. Esse corpo feminino assume a identidade de objeto de posse e de destaque na sociedade. Um estudo com o objetivo de identificar o significado de corpo para mulheres atletas de Body Building é de fundamental importância para tentar desvendar o valor que essas mulheres estão incorporando ao seu corpo. Optou-se pela pesquisa qualitativa, adotando-se o estudo de referenciais teóricos, entrevistas e análise de conteúdo. Foram entrevistadas nove mulheres com idades entre 26 e 38 anos. De acordo com seus discursos nas entrevistas, ficou evidente a influência da mídia na divulgação do corpo idealizado, o que contribui para que a busca por um corpo tido como “perfeito” se acentue. Ficou evidente, também, que essas mulheres tratam hoje seus corpos de forma irracional. Infere-se, porém, que muito precisa ser pesquisado para que esta realidade se transforme.

¹ Essa pesquisa é parte do trabalho de Dissertação defendido no curso de Pós Graduação Strictu Sensu em Educação Física – UFJF e teve o auxílio da agência de fomento FAPEMIG, que concedeu uma bolsa de Mestrado por 12 meses

² Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo; Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora e líder do Núcleo de Pesquisas sobre o Corpo na Universidade do Estado de Minas Gerais – cadastrado no CNPq.

³ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei, professora efetiva da Universidade Estadual de Minas Gerais e pesquisadora do Núcleo de Pesquisas sobre o Corpo na Universidade do Estado de Minas Gerais – cadastrado no CNPq

⁵ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora; pesquisadora do Núcleo de Estudos Sobre o Corpo na Universidade do Estado de Minas Gerais – cadastrado no CNPq

⁶ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora

⁷ Professora Adjunta da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora; pesquisadora do Núcleo de Estudos Sobre o Corpo na Universidade do Estado de Minas Gerais – cadastrado no CNPq



Palavras – Chave: *Corpo; Mulher; Discurso*

ABSTRACT

The conception of the female body in the XXI century reproduces capitalist logic constructed by Western civilization. This female body assumes the identity of object ownership and role in society. A study aimed at identifying the meaning of body to female athletes of Body Building is fundamental importance to try to unlock the value that these women are entering into your body. It was opted for qualitative research, embracing the study of references theoretically, interviews and content analysis. It was interviewed nine women aged between 26 and 38 years. According to his speeches in the interviews, it became evident to the influence from the average in propagation of the ideal body, which helps to search for a body said to be "perfect" to gather strength. It was evident, too, that these women today treat their bodies of a irrational way. It is inferred add, however, that more needs to be researched so that this becomes reality.

Key-words: *Body; Woman; Speech.*

RESUMEN

La concepción del cuerpo femenino en el siglo XXI, reproduce la lógica capitalista construido por la civilización occidental. Este cuerpo de la mujer toma la identidad del objeto y la posesión de importancia en la sociedad. Un estudio con el objetivo de identificar el significado de cuerpo para las mujeres atletas de Body Building es fundamental para tratar de desbloquear el valor que estas mujeres están entrando en su cuerpo. Fue elegida la investigación cualitativa, que abarca el estudio de las referencias teóricas, entrevistas y análisis de contenido. Fueron entrevistadas nueve mujeres de edades comprendidas entre 26 y 38 años. Según sus declaraciones en las entrevistas, se hizo evidente la influencia de los medios de comunicación en la difusión del cuerpo idealizado, lo que contribuye a la búsqueda de un cuerpo considerado como "perfecto". También fue evidente que estas mujeres tratan a sus órganos de manera irracional. Se infiere, sin embargo, que hay que seguir investigando para que este se cubierte en realidad.

Palabras-clave: *Cuerpo; Mujer; Discurso*

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a sociedade vem passando por inúmeras transformações, o mundo parece estar modificado, os valores mudados, as pessoas diferentes, o estilo de vida parece outro. Neste início do século XXI, “fala-se muito em terceiro milênio, *new age*, nova consciência, globalização, qualidade de vida, ecologia, cibernética” (FERREIRA et al., 2005, p. 168). Paralelamente, associam-se aos costumes, cunhados pela cultura no transcorrer dos séculos, as .ovas descobertas e vivências variadas nos campos da sexualidade, da religião, da moral, da educação, da vida social, da cultura corporal (Ibid.).



Vive-se hoje, segundo Sabino (2004, p. 13), a cultura do corpo ideal, gerando insatisfação corporal através de padrões estéticos ditados pela sociedade e pela cultura:

Atravessamos uma época na qual o culto à forma corporal ganhou amplitude inédita. Não é mais novidade: músculos definidos e inflados, tatuagens, piercings, implantes de silicone, botox, bronzado artificial, cirurgias plásticas, estão constantemente presentes no cotidiano das grandes cidades e na mídia atual.

O corpo toma a frente da cena e se torna o único instrumento de felicidade, de *status* e de realização (FERNANDES, 2003). Contudo, para se alcançar esse corpo tão almejado, assume-se também a cultura do risco. De acordo com Guzzo (2005, p. 141), o risco é entendido como um “perigo ou ameaça objetiva que é inevitavelmente mediado por processos culturais, históricos e sociais e não pode ser conhecido com o isolamento dos mesmos”. A cultura do risco fica ainda mais intensa quando se trata do forte desejo de adquirir ou manter um corpo arquitetado.

Convém salientar que a vontade de arquitetar um corpo forte e belo não é nova na humanidade, pois o que pode ser considerado novo são as técnicas e as tecnologias que existem atualmente para que aconteça essa construção. Podem ser citados: os esteróides anabólicos, os suplementos alimentares, as técnicas cirúrgicas de correção ou extração de gordura ou tecidos indesejáveis, enfim, são ilimitadas as formas de arquitetar a beleza (GUZZO, 2005).

Sobre o assunto, Assmann (1995, p. 73) assim se expressa:

[...] o corpo moderno ganhou características inéditas: deixou para trás a rigidez de concepções antigas e mais ou menos sacrais. Imaginemos quanta plasticidade, moldeabilidade, elasticidade e maleabilidade se requer para poder preencher as funções de corpo educável, microcosmo dessacralizado e sem mistério, força-de-trabalho ajustada e ajustável, corpos estivadores, corpos-garços, corpos-executivos, corpo-capital-humano, corpo-relação mercantil, corpo de atleta, corpo escultural, corpo-fetice, corpo sexo hipergenitalizado, corpos vilipendiados ou glorificados por sua forma ou cor etc. – até culminar no corpo, plenamente “valor de troca”, da engenharia genética e do mercado de órgãos.

A neurose do corpo perfeito constitui, nos dias atuais, uma verdadeira epidemia que assola sociedades industrializadas e desenvolvidas acometendo, sobretudo, adolescentes e adultos jovens. Ferreira et al. (2005, p. 171) questionam: “quais serão os sintomas dessa epidemia emocional? De modo geral, o pensamento falho e doentio das pessoas portadoras de patologias” (tais como: anorexia, bulimia e a vigorexia) que surgem em decorrência da busca pelo corpo forte e belo caracteriza-se por uma obsessão pela perfeição corporal. Na realidade, trata-se de uma epidemia de culto ao corpo (ibid.).

Diante do que foi exposto, vários foram os questionamentos que emergiram, de acordo com os parâmetros de investigação, dentre eles destaca-se: qual a representação de corpo para mulheres atletas de *Body Building*?

Para tentar responder tal questionamento, recorreu-se, juntamente com os procedimentos de coleta de dados, aos conhecimentos acerca de corpo e *Body Building* utilizando renomados autores que abordam essas temáticas. Dentre eles, destacam-se: Silva (2001); Soares (2001); Fernandes (2003); Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004); Sabino (2004); Guzzo (2005).



Desse modo, a partir dos olhares desses autores e do trabalho de campo feito nesta pesquisa, buscou-se entender como as atletas de *Body Building* lidam com o seu próprio corpo, procurando subsidiar os profissionais que trabalham com o público em questão para que também possam entender como lidar com essas atletas.

Buscou-se, por meio desta pesquisa, não só descrever a realidade de um público específico, enfatizando qual o papel de seu corpo para essas mulheres pesquisadas, como também pensar e/ou repensar sobre a forma que os próprios profissionais de Educação Física tratam o corpo.

Assim, pesquisar a representação de corpo nesse grupo específico significa refletir, criticamente, sobre padrões corporais, expandindo a visão do corpo biológico para o corpo enquanto resultado da cultura e dos códigos sociais em que ele está inserido.

Portanto, pretendeu-se, dentro do possível, conduzir este estudo para compreender e registrar como o corpo feminino *Body Builder* é representado na sociedade contemporânea sob a visão das próprias atletas.

Importa ressaltar que procurar compreender a representação de corpo nos discursos das atletas participantes desta pesquisa demandou muito zelo, cautela e compreensão do conjunto de sentidos e significados que abarcam a simbologia do corpo na contemporaneidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi realizado com base nos preceitos da pesquisa descritiva de cunho qualitativo que objetiva, segundo Triviños (1987) o conhecimento da comunidade, seus traços característicos, agentes e problemas.

A amostra pesquisada foi de mulheres atletas de *Body Building* que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: ser praticante dessa modalidade de esporte; demonstrar motivação e vontade de participar da pesquisa; e participar ou ter participado de competições oficiais no Brasil.

Como instrumento foi utilizada a observação e a entrevista estruturada constituída por perguntas abertas e fechadas buscando versar sobre informações pessoais e sobre a representação de corpo de cada uma. Conforme, Bogdan e Biklen (1994) a entrevista constitui uma conversa intencional conduzida com intuito de obter informações sobre outras envolvidas.

Já a observação, de acordo com Chizzotti (2006) permite o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para adquirir informações dos atores em seu contexto social. Este tipo de instrumento é extremamente valorizado e apreciado em pesquisas qualitativas (ALVES – MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998). Neste estudo ela se deu através de visitas às participantes em seus locais de treinamento e durante campeonatos de *Body Building* nas cidades de Belo Horizonte e Juiz de Fora.

Para tratamento dos dados coletados foi utilizada a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2008) visando privilegiar os detalhes qualitativos sem perder o rigor da objetividade. Essa análise se deu através de leitura flutuante, agrupamento dos dados em categorias emersas a partir do discurso das participantes e posterior inferência.

É de destaque que Esta pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG (CEP – UFJF) para obter a aprovação para realização da mesma, no dia 07 de Agosto de 2008, com o protocolo CEP – UFJF 1.478.169.2008, parecer nº 234 / 2008.



Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) logo após os esclarecimentos éticos em pesquisa com seres humanos (informações sobre o tema deste estudo, permissão de desistência a qualquer momento, riscos e prejuízos, e anonimato). Foi permitida também, pelas entrevistadas, a gravação de todas as entrevistas para posterior utilização e análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de campo consistiu em procurar conhecer o universo das mulheres que praticam o *Body Building* e participam de competições nacionais e internacionais. Para tanto, foi observado o treinamento de algumas dessas atletas, e um campeonato mineiro, na qual as mesmas participaram.

A competição ocorreu em agosto de 2008, na cidade de Belo Horizonte e, havia a disputa das seguintes categorias: *Body Fitness*⁸, *Figure*⁹ e *Fitness*¹⁰.

Foram entrevistadas 9 mulheres com faixa etária de 26 a 38 anos, com idade média de 31 anos. Em relação ao estado civil dessas mulheres, 1 é solteira, 5 são casadas, 2 divorciadas e 1 mulher desquitada. Somente 2 relataram ter filhos.

Quanto à escolaridade, observa-se que 7 mulheres possuem Curso Superior Completo, 1 possui Curso Superior Incompleto e 1 apenas terminou o Ensino Fundamental.

Quando indagadas a respeito da profissão, 4 das entrevistadas informaram ser Professoras, 1 Recepcionista, 1 Nutricionista, 1 Auxiliar de Escritório e 2 Empresárias.

O tempo médio de permanência no esporte praticado, no caso deste estudo, o *Body Building*, é de 6,33 anos, sendo que 2 entrevistadas praticam o *Body Building* há 2 anos, 2 há 7 anos, 1 há 1 ano, 1 há 4 anos, 1 há 6 anos, 1 há 8 anos e 1 há 20 anos..

Para finalizar, das 9 atletas entrevistadas, 1 pertence à categoria *Fitness*, 2 pertencem à categoria *Body Fitness*, 2 pertencem à categoria Fisiculturismo ou Culturismo e 4 pertencem à categoria *Figure*.

⁸ O *Body Fitness* é uma categoria do *Body Building* é uma modalidade que avalia a estética corporal com um relativo tônus muscular, cor da pele, além de troca de trajes exigidos pelos árbitros. As características físicas desta modalidade são: estilização do cabelo; valorização da beleza facial; valorização da condição e do tom da pele que deve ser liso e de aparência saudável, sem celulites; a capacidade da atleta em apresentar a pose e graça; nível de tonicidade muscular, obtida através de poses atléticas, sendo que os grupos musculares devem apresentar-se redondos e com aparência firme, com pequena quantidade de gordura corporal e não devem ser excessivamente musculosos e nem magros

⁹ O *Figure* é uma categoria que, também compõe o *Body Building*, não exige hipertrofia excessiva, mas exige volume muscular um pouco maior do que no *Body Fitness*. O que se prioriza no *Figure* é a forma e a proporção do corpo feminino, com moderado nível de gordura e não podendo levar a definição ao extremo. Uma atleta de *Figure* não deve ter o grau de desenvolvimento, definição, separação e estriação de uma competidora da categoria culturismo (fisiculturismo)

¹⁰ o *Fitness* é uma modalidade esportiva que escolhe a mulher com perfeição física (boa muscularidade, com formas proporcionais, moderadamente definidas, com musculatura rígida, firme e com bom tom de pele) e que apresenta também aptidão física com relação à força, flexibilidade, coordenação motora, ritmo e outras qualidades que seriam avaliadas em uma apresentação coreográfica com música que dura 90 segundos.



O perfil detalhado dessas atletas permitiu a compreensão de quem são essas mulheres e em que contexto elas estão inseridas.

As atletas de *Body Building* falando sobre seus corpos...

Ao realizar a análise minuciosa dos dados obtidos, após leituras exaustivas das entrevistas, surgiram algumas categorias e subcategorias, de acordo com o quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Categorias e Subcategorias Encontradas nos Discursos

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
CORPO FEMININO	Representação
	Mídia
	Construção/Modificação

Fonte: Elaborado pela Autora

Ficou claro nas entrevistas que a obsessão pelo corpo se expressa em atos, na maioria das vezes, impensáveis, de transformações sucessivas e sem levar em consideração os próprios limites corporais. A participante 1 exemplifica bem esse pensamento quando diz: “Todo o desgaste físico, o uso de anabolizantes e suplementos vale a pena, porque depois eu vou ter conquistado um corpo maneiríssimo”.

Para este legado de mulheres, não interessa mais de onde você veio, o que você faz ou quem você é, mas sim onde você esculpe seu corpo, qual o tamanho do seu braço e as “drogas” que você ingere:

[...] a droga parece ser parte desta nova ordem do chamado espetáculo esportivo. Senão, porque a sofisticação bioquímica dos testes para comprovar que os grandes atletas não ingeriram drogas? Por que hoje são testadas drogas que são *invisíveis* aos testes? (SOARES, 2001, p.122)

A autora ressalta ainda que:

[...] os riscos de tantas intervenções, alterações, merecem ser tratados para além da ideia asséptica de que são apenas erros de medidas, cálculos não exatos que serão corrigidos na próxima operação. O imprevisível, o imponderável, o inusitado que é parte da trajetória humana parece ser algo do passado [...] A própria definição de humano começa a ser alterada (SOARES, 2001, p. 128).

Em conformidade com Soares (2001) as participantes 3, 5, 6 e 9 demonstram que o corpo, para elas, é um instrumento passível de modificações e alterações:

Eu quero mudar sim, pra melhor, eu quero mais. A gente sempre quer mais, né? Quero ter menos gordura, uma coxa maior, as costas mais definidas. E assim vai indo, cada dia quero mudar uma parte. (P3)

Eu queria ser um pouco mais forte. Hoje? Ah, assim, eu queria aumentar um pouco mais o meu volume de massa muscular entendeu? Não estou agradando muito não. Eu gosto de mais. Mais volume. (P5)



Hoje eu só penso em mudar meu corpo. Mais músculos, mais definição. Eu quero mais e melhor, cada vez melhor. Porque quando a gente muda o corpo a gente muda também, né? A auto estima vai lá em cima. (P6)

Nossa... O corpo pra mim tem sempre que estar mudando. Senão a gente enjoa, né? Quero sempre mudar meu corpo. Tem hora que é a perna, tem hora que é o bumbum. Eu sei nunca está bom, sempre tem uma coisinha para melhorar. (P9)

O corpo assume, na atualidade, a identidade de um objeto de posse e, mais que isso, um objeto de beleza, de realce, de destaque na sociedade (ROCHA, 2001):

Meu olhar sobre o corpo é crítico, porque o corpo pra mim é tudo. É meu cartão de visita, é a minha imagem. É através dele que me mostro, por isso ele pra mim é tudo. (P2)

Ah, o corpo é tudo. É muito difícil responder, porque na verdade o corpo é tudo, é tudo em cima dele. O corpo é o corpo, né? Ele é a recompensa... É o prêmio... (P3)

O corpo é tudo, né? É o que... não é o complemento... é o conjunto... normalmente na minha categoria eles olham o conjunto... desde a feminilidade, você tem que estar definida, musculosa, mas você também tem que ser feminina. Então é todo um charme, né? O corpo é o charme da mulher. (P5)

De acordo com Silva e Pereti (2005) a concepção de corpo no século XXI reproduz a lógica capitalista construída pela civilização ocidental. O corpo encontra valor somente na estética e na aparência, sendo a principal fonte da vida. Pode-se observar tais concepções de corpo no discurso da seguinte participante:

O corpo é o troféu. Ele está ali pra mostrar o seu trabalho, a sua dedicação... Muita disciplina, o quanto vale a pena subir lá em cima e mostrar o seu trabalho. É a base de tudo com certeza, é o resultado de tudo o que você fez. (P7)

Fica explícito no discurso de tal participante, a importância que o corpo assume na modernidade. Importância esta que visa somente a um fim: o estético. E, porque não comprar este artefato tão cobiçado e perfeito, já que “hoje existe a ideia de escolher um corpo?” (GUZZO, 2005, p. 141).

Instrumento que viabiliza a banalização do ser humano, o corpo torna-se fonte de intervenções cirúrgicas e estéticas e, como consequência, emblema de desprazer, constrangimento e angústia:

O corpo toma a frente da cena, constituindo-se como fonte de sofrimento, de frustração, de insatisfação, de impedimento à potencia fálica – narcísica. De veículo ou meio de satisfação pulsional, o corpo passa a ser também veículo ou meio de expressão da dor e do sofrimento. Um sofrimento que parece encontrar dificuldade para se manifestar em termos psíquicos (FERNANDES, 2003, p. 17).



O que se vê na mídia hoje são reportagens sobre manipulações corporais que chocam qualquer um, ou melhor, chocam qualquer pessoa que ainda não se entregou completamente a esse novo arquétipo da felicidade humana (SILVA, 2001).

O destaque dado ao corpo feminino na mídia tem contribuído para que a busca por um corpo perfeito ou dito ideal aconteça (FISHER, 2001).

Segundo Nunes (2003) as mulheres estão sendo cada vez mais obrigadas a experimentar e vivenciar corpos irreais diante das imagens veiculadas na mídia. A participante 1 esclarece que:

Olha, eu acho que é mais por conta da imagem da mídia, da televisão, porque antigamente só tinha mulher magrinha na televisão né, aí, agora, passou no carnaval a Bombom falando no jornal da dieta dela, com o abdome todo definido, apareceu a Graciane também com o corpo todo definido, então as mulheres começam a... e os homens reclamam de mulheres muito magras, eles não gostam de mulheres magrelas, então eu acho que elas pensam assim, elas vão unir o útil ao agradável, ela quer agradar ao namorado, ela quer ficarcoxuda, bunduda, mas a barriga sequinha igual à da modelo, juntou né, ela achou nesse padrão, a forma de agradar à si mesma né, e ao sexo oposto. (P1)

E ainda:

Eu acredito que o que puxa mesmo, até mesmo por causa da mídia, é o lado estético. Éhhh.... Você hoje ter um corpo de músculos, já não é tão estranho quanto era antigamente. E o que a gente tem visto hoje é que a mídia tem dado muita ênfase, principalmente escola de samba... novela... Ehhh... E isso faz com que as pessoas, apesar de verem tanta comida na televisão, queiram ter esse corpo [...] (P4)

Ah, a televisão ajuda muito. A gente vê na TV só mulher bonitona e sarada e quer ficar igual. É como se fosse um incentivo, um estímulo. Se elas, que estão na mídia podem ficar desse jeito, gostosonas, a gente aqui também pode, né? (P9)

É importante ressaltar o quanto o corpo feminino vendido nas propagandas, nas revistas, nas novelas, na internet, é cobiçado por grande parte das mulheres que têm acesso a esse tipo de informação (SANTOS, 2009). A seguir falas das participantes que exemplificam tal fato:

[...] por causa do culto ao corpo, isso aí é revista, televisão, novela todo mundo querendo cuidar do estilo de vida no Brasil, tem dado muita ênfase a saúde, né. As pessoas entram, praticam, gostam, é só você vê ali fora a quantidade de gente, ali todo mundo tem um objetivo que é queimar gordura, secar, ganhar um pouco de músculos. Isso para um determinado pessoal, outros estão aqui sonhando em subir no palco. (P2)

A princípio, eu malhava nessa academia, perto de casa, e aí você começa, éh, a malhar e ver revistas, e aí você começa ver aquelas mulheres mais fortes, e comecei a achar bonito, né, o conceito de beleza foi mudando, eu queria ficar como as mulheres que via na televisão e nas revistas. (P1)



De acordo com Siqueira e Faria (2007) o corpo encontra na mídia um lugar onde as representações a seu respeito são amplamente construídas, reproduzidas e divulgadas. O corpo no meio de comunicação não é visto de forma plural, considera-se apenas a aparência física. E essa aparência tende a ser um objeto de consumo que gera mais consumo (SAMARÃO, 2007), como demonstram as participantes a seguir:

[...] um dia, eu lembro assim, vendo televisão, tinha uma academia aqui na cidade, que ia levar 2 atletas, que elas eram estreadas pro, como que chama a modalidade, pro fitness, que é uma modalidade diferente, que o corpo tem que ser sarado e tal, mas elas tem que fazer movimentos de ginástica olímpica, acrobacias, saltos, flexibilidade, movimentos de força, e apareceu uma reportagem na televisão, quando eu vi, eu fiquei chocada, eu falei: meu Deus, é isso que eu quero, elas são maravilhosas, e fiquei pensando eu quero ir pra essa academia. (P1)

Eu acho que pela mídia, pela divulgação... De mostrar mulheres com o corpo malhado... E aí as mulheres vão se acostumando, né? E passam a gostar. (P5)

O discurso dos meios de comunicação gira em torno do corpo. O corpo é a informação que “(re)transforma, (re)significa e (re)decodifica a mensagem. Registra as marcas do imaginário da sociedade e busca traçar, ou melhor, moldar o processo identitário cultural contemporâneo” (GARRINI, 2007, p. 02).

A Ciência corta e costura, cria, transforma, modifica e trabalha em prol do corpo perfeito. Desse modo, a cada dia, tomam-se decisões coletivas sobre o que comer, o que fazer e como se comportar. Não existe mais o livre arbítrio e as escolhas individuais são mascaradas pelas escolhas sociais (GUZZO, 2005).

Nas falas abaixo as participantes mostram tal comportamento:

É a sociedade que a gente está hoje que dá muito valor ao corpo, a estética é muito valorizada, né? Só passa na televisão aquelas mulheres saradas, aí a gente vê e quer igual. A nossa cultura é do corpo perfeito, bumbum durinho, né? Tem que estar com tudo em cima. (P2)

Estamos na era do culto ao corpo. Nada mais importa. O importante é ter um corpo sarado, sem excesso de gordura, né? Tem que estar sempre com tudo em cima, tudo no lugar. Se não for assim, você fica fora dos padrões que a nossa cultura exige. (P8)

A cultura, não menos culpada, também auxilia na criação de Franksteins (LE BRETON, 1995), bonecas barbies, super-homens e cinderelas. É através dessa cultura que o corpo toma forma, se encaixa nas normas e estabelece um padrão:

[...] a Cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. Entretanto, mesmo assumindo para nos este caráter “natural” e “universal”, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como



sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e pelos outros interconvenientes sociais e culturais. (RODRIGUES, 1983. p. 45).

Assume-se então o culturismo do risco. O corpo “ciborg” e milimetricamente concebido é capaz de tudo para ser belo. Para tanto, o corpo transforma-se no único guia e na principal finalidade do processo embelezador:

Parece que estamos longe daqueles anos em que a alma da beleza se alojava unicamente no aparelho reprodutor feminino. Da cabeça aos pés, ela se prolonga da pele ao nível mais profundo do corpo. Como se a beleza não pudesse mais ter uma alma, pois ela pretende cobrir, de agora em diante, todas as idades, emergir em todas as partes do corpo, se afirmar em todos os momentos do cotidiano, para se tornar, ela mesma eterna (SANT’ANA, 1995, p. 137).

É necessário atentar para todo este processo maquinizador, que faz do homem simplesmente um corpo belo e não reflexivo, que esconde seu espírito e enfatiza a carne:

É preciso criar uma ética corporal, um novo estatuto no qual as novas tecnologias, o tráfico de órgãos, a clonagem, as transformações genéticas não se transformem em mercadorias de corpos pobres para ricos. Há que se trocar sua brutalidade material por uma sutileza. E ela vem justamente da atenção do que se passa entre o corpo e seus encontros (GUZZO, 1995, p. 150).

Ao deslocar o olhar do corpo mecânico e artificial para o corpo essência e complexo, o corpo pode se tornar mais humano, amenizando o conceito de que ele é um lugar de exclusão social (STOER; MAGALHÃES; RODRIGUES, 2004). O corpo, como crítico e ativo pode ser também instrumento de resistência às normas impostas pela sociedade e pela cultura e não só objeto de aceitação e doutrinação:

O corpo é, assim, não só a sede da experiência no mundo, mas muitas vezes o lugar da resistência a uma ordem social que a pessoa ou os grupos não querem aceitar. (STOER; MAGALHÃES; RODRIGUES, 2004, p. 35-36).

Há que se mudar a realidade por meio dos vários corpos que transitaram e transitam pela sociedade. Fica claro que, como já visto anteriormente, o corpo perde sua identidade e assume aquela imposta pela cultura e, como consequência, tem-se o capitalismo desenfreado, que faz do corpo um importante instrumento de consumo, “tornando-o mais submisso e menos corpo” (GRANDO, 1996, p. 104).

Têm-se, nesse entremeio, a moda, que nada mais é do que um elemento do sistema econômico vigente para estipular regras limitadas e passageiras sobre como escolher, comprar e usar um determinado vestuário, criando, assim, a noção de pertencer ou não a um determinado grupo (STOER; MAGALHÃES; RODRIGUES, 2004).

A manipulação corporal, que já foi citada, também pode ser um fator de integração ou desintegração do ser humano. De acordo com Villaça (1999, p. 19), como “agente de desumanização, robotização e controle tecnológico” essa manipulação integra somente aqueles homens máquinas.



Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004) classificam essa manipulação corporal como identidades corporais impressas. Essas identidades são aparentemente sem significados funcionais óbvios, ou seja, puramente estéticos e de caráter de inserção social. A seguir, três exemplos:

Eu acho que é mais por causa do corpo mesmo, foi o que te falei, as pessoas procuram para mudar o corpo, ficar melhor e assim serem aceitas na sociedade. (P3)

As pessoas estão visando um físico cada vez mais perfeito para serem vistas e aceitas na sociedade. É através dele que a gente consegue ser vista e aceita pelos demais. (P7)

Ah, eu acho que o corpo conta muito. Se você tem um corpão todo mundo te olha com a cara boa. Você é reconhecida e aceita por todo mundo. O corpo sarado te dá um certo status social. (P9)

Mais uma vez, observa-se a banalização e porque não a sacralização do corpo (GRANDO, 1996), apesar de haver um certo movimento de resistência de alguns corpos. Vale lembrar que o corpo ainda é valorizado sócio-culturalmente pela sua boa performance, pela sua excelente eficiência e, acima de tudo, pela sua aparência estética. Para romper com esse paradigma, mais do que transformar pensamentos, é necessário mudar comportamentos, mudar o foco do olhar do corpo e sobre o corpo:

Os modelos de inclusão social exigem outra visão sobre o corpo e sobre a sua diversidade e identidade. Perspectivas em que a exibição da diferença do corpo, a diferença visível, não seja encarada como uma categorização, como uma normalização ou um rotular, mas que, pelo contrário, os diferentes corpos e as diferentes imagens corporais constituam um convite para iniciar um *puzzle* de conhecimento das capacidades da pessoa, das suas identidades e valores de vida e de trabalho (STOER, MAGALHÃES e RODRIGUES, 2004, p.38).

Deve-se olhar para o corpo com visão plurifacetada, assumindo a postura de globalidade e negando a forma padrão. Os seres humanos são diferentes, os corpos são diferentes, por isso é interessante viver. A diversidade humana é o sal da vida e o tempero que faz a humanidade crescer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vive-se em uma era que o culto ao corpo toma a frente da cena e torna-se a principal fonte de felicidade e status. Ao corpo é dada toda a visibilidade e responsabilidade social.

A mulher, inserida nesse contexto, busca cada vez mais a perfeição, caracterizada pela obsessão por corpos irreais.

As atletas de *Body Building*, não diferentemente das mulheres da atualidade, possuem, muitas vezes, uma concepção reducionista de corpo. A visão de que o corpo é meramente um instrumento biológico e passível de modificações.

Percebeu-se, com este estudo, que o corpo, para o público em questão, é um objeto que permite a ascensão social dentro do grupo a que pertencem (atletas de *Body Building*), além de ser a forma como se apresentam e se comportam na sociedade.



Mais do que músculos, tendões, articulações e ossos, o corpo, para essas atletas, é a fonte de toda existência, a recompensa, o prêmio, é tudo, é o que as estimula a viver. É através desse corpo que elas existem, se modificam. Essas atletas representam o corpo como símbolo da própria felicidade, do próprio instrumento de trabalho e de vida.

Pode-se inferir, portanto, a partir deste estudo, que há uma tendência muito forte das mulheres praticantes de *Body Building* em considerar seus corpos como mero instrumento de construção, transformação e de modelo estético. Essa instrumentalização do corpo feminino pode ocorrer através da incessante busca pelo corpo ideal e perfeito e pela grande influência dos meios de comunicação.

A mídia também foi citada, nesse trabalho, como um fator de estímulo para que a busca incessante pelo corpo perfeito se acentue. As falas das atletas de *Body Building* apontam claramente para a divulgação de mulheres irreais, corpos torneados, sarados, com pouca gordura e excesso de músculos. Parece que, nos meios de comunicação, os corpos femininos são vendidos como bonecas na vitrine e que devem ser, obrigatoriamente, comprados e consumidos por todas.

Sem esquecer também que a própria sociedade, em cada época, prioriza um tipo de corpo e, este corpo é um emblema onde a cultura insere seus signos brasões, ou seja, o contexto cultural marca a ferro e fogo o corpo humano (SOARES, 2005).

Portanto, para que esta cruel realidade se modifique, é necessário pensar no ser humano–mulher, e não somente como símbolo sexual, e assim, construir uma sociedade com corpos possíveis, que caminhem livres e confortáveis pela vida (FERREIRA E GUIMARÃES, 2006).

Enfim, este estudo é o início de um árduo trabalho que está por vir, portanto, muito ainda precisa ser pesquisado para que esta realidade se transforme efetivamente.

REFERÊNCIAS

ALVES – MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**. São Paulo: Editora Thomson Pioneira, 1998.

ASSMANN, H. **Reencantar a Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição Atualizada. Lisboa: Editora Edições 70, 2008.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2006.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERREIRA, et. al. A Obsessão Masculina Pelo Corpo: Malhado, Forte e Sarado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n.1, 2005.



FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Educação da Mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

GARRINI, S. P. F. Do Corpo Desmedido ao Corpo Ultramedido: Reflexões sobre o Corpo Feminino e suas Significações na Mídia Impressa. Trabalho apresentado ao GT de História da Publicidade e Propaganda, do V Congresso **Nacional de História de Mídia, Facasper e Ciee**, São Paulo, 2007.

GRANDO, J. C. **A sacralização do Corpo**. Blumenau: Ed. da Furb, 1996, p. 97-132

GUZZO, Marina. Riscos da Beleza e Desejos de um Corpo Arquetetado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.27, n. 1, p. 139 – 152, 2005.

LE BRETON, D. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 49-68.

NUNES, S. A. De Menina A Mulher, Impasses Da Feminilidade Na Cultura Contemporânea. Trabalho Apresentado no **Segundo Encontro Mundial**, Rio de Janeiro 2003.

ROCHA, E. A Mulher, o Corpo e o Silêncio: A Identidade Feminina nos Anúncios Publicitários. **Alceu**, v.2 , n.3, p. 15 – 39, 2001.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé., 1983, p.9-126.

SABINO, C. **O Peso da Forma: Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas**. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ, 2004.

SAMARÃO, L. O Espetáculo da Publicidade:a Representação do corpo feminino na Mídia. **Contemporânea**, v. 1, n. 8, 2007.

SANT'ANNA, D. B de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-140.

SANTOS, H. M. A Construção da Imagem “Ideal” da Mulher na Mídia Contemporânea. Disponível em http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST39/Helena_Miranda_dos_Santos_39.pdf. Acesso em 09/04/2009.



SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade**. 1. ed. Campinas/Florianópolis: Autores Associados/Editora da UFSC, 2001

SILVA, A. M.; PERETI, A Técnica Moderna e o Corpo do Desafio. **Pensar a Prática**. v. 8, n. 2, p. 181-195, 2005.

SIQUEIRA, D. C. O; FARIA, A. A. Corpo, Saúde e Beleza: Representações Sociais nas Revistas Femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**. v. 4, n. 9, p. 171 – 188, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOARES, Carmen Lucia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lucia (org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.

STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, Antonio M.; RODRIGUES,. **Os Lugares da Exclusão Social**. São Paulo: Cortez, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Atlas, São Paulo, 1987.

VILLAÇA, N.; GÓES, F.; KOSOVSKI, E. **Corpo e Risco**. Rio de Janeiro: Mauad: 1999. p. 14-21.

Contato:

dani_efi2002@yahoo.com.br

Recurso Tecnológico para Apresentação Oral:

Computador; Projetor para Data Show